



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS DE ERECHIM**

**CURSO DE FILOSOFIA**

**JANAÍNA CYNARA SEVERINO**

**A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO INTRANSPONÍVEL PARA O SER HUMANO  
SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE**

**ERECHIM**

**2022**

**JANAÍNA CYNARA SEVERINO**

**A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO INTRANSPONÍVEL PARA O SER HUMANO  
SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Alcione Roberto Roani

ERECHIM

2022

Severino, Janaína Cynara

A liberdade como condição intransponível para o ser humano segundo Jean-Paul Sartre / Janaína Cynara Severino. -- 2022.

41 f.

Orientador: Dr Alcione Roberto Roani

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2022.

1. Liberdade, Angústia, Responsabilidade, Jean-Paul Sartre. I. Roani, Alcione Roberto, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**JANAÍNA CYNARA SEVERINO**

**A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO INTRANSPONÍVEL PARA O SER HUMANO  
SEGUNDO JEAN-PAUL SARTRE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alcione Roberto Roani

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e  
aprovado pela banca em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alcione Roberto Roani - UFFS

---

Prof. Dr. Celso Eidt - UFFS

---

Prof. Me. Diego Ecker- UFSM

A minha família dedico este trabalho de conclusão de curso.

Aos meus filhos Júlia e João Pedro por tornarem o meu mundo mais bonito.

Ao meu esposo Evandro pela parceria e ajuda em todos esses anos.

Aos meus gatos, a minha gata Gaia, que este ano nos deixou, me ensinando ao longo de seus 10 anos, o verdadeiro e incondicional amor, estarás sempre em minha memória e em meu coração.

*“Feliz quem não exige da vida mais que ela  
espontaneamente lhe dá, guiando-se pelo  
instinto dos gatos, que buscam o sol  
quando há sol”*

Fernando Pessoa.

## RESUMO

O presente trabalho consiste em analisar os conceitos de Liberdade, Angústia e Responsabilidade, tal como são abordados na obra de Jean-Paul Sartre, *O Ser e o Nada* Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Sartre esclarece o conceito de liberdade, na quarta parte de seu livro *O Ser e o Nada*, ter, fazer e ser. Ainda que a questão de liberdade seja recorrente em todas as suas obras, neste trecho do livro, o filósofo aborda especificamente como a condição primordial da ação é a liberdade. Evidencia que toda ação do ser humano o condena a ser livre. A liberdade em Sartre é compreendida como nadaificação, ela não tem essência, por isso sua crítica ao determinismo. A liberdade não é uma característica a mais do ser humano, ela é o próprio ser humano, como a condição de liberdade é uma propriedade do ser humano, cabe a ele fazer suas escolhas. Sua ação é intencional, dessa forma, faz com que sua escolha seja angustiante o condenando a ser livre. O ser humano tem a angústia porque precisa escolher e não sabe exatamente o melhor caminho. A liberdade é uma condição inerente a formação do próprio ser humano, é algo ao qual ele não pode recusar e, assim, para Sartre, sua ação é sempre intencional. Ter, fazer e ser, é o que evidencia a liberdade, colocando o para-si, a partir de uma ação, que busca a todo o momento ser um em-si, porque a consciência ao se deparar com o em-si ou o para-si, tem uma intenção, ou seja, essa intencionalidade da consciência nega outros objetos do mundo e de si mesma, por isso a consciência vai ser o nada que está no mundo do ser humano. Dessa forma, o ser humano tem a consciência da liberdade. O ser humano em Sartre é responsável pela escolha e toda liberdade de escolha, é escolha de alguma coisa, e assim, os conceitos de angústia e responsabilidade se evidenciam e estão ligados a liberdade.

Palavras-chave: Liberdade; Angústia; Responsabilidade; Jean-Paul Sartre.

## ABSTRACT

The present work consists in analyzing the concepts of Freedom, Anguish and Responsibility, as they are approached in the work of Jean-Paul Sartre, *On Being and Nothingness* Essay on Phenomenological Ontology. Sartre clarifies the concept of freedom, in the fourth part of his book *Being and Nothingness*, having, doing and being. Although the issue of freedom is recurrent in all his works, in this part of the book, the philosopher specifically addresses how the primordial condition of action is freedom. It shows that every action of the human being condemns him to be free. Freedom in Sartre is understood as nihilation, it has no essence, hence his critique of determinism. Freedom is not one more characteristic of the human being, it is the human being himself, as the condition of freedom is a property of the human being, it is up to him to make his choices. His action is intentional, thus, makes his choice agonizing, condemning him to be free. The human being has anguish because he needs to choose and doesn't know exactly the best way. Freedom is an inherent condition in the formation of the human being itself, it is something that he cannot refuse and, thus, for Sartre, his action is always intentional. Having, doing and being, is what evidences freedom, placing the for-itself, from an action, which seeks at all times to be an in-itself, because the conscience, when faced with the in-itself or the for itself, it has an intention, that is, this intentionality of consciousness denies other objects in the world and itself, so consciousness will be the nothing that is in the world of the human being. In this way, the human being has the consciousness of freedom. The human being in Sartre is responsible for the choice and all freedom of choice is a choice of something, and thus, the concepts of anguish and responsibility are evident and are linked to freedom.

Keywords: Freedom; Anguish; Responsibility; Jean-Paul Sartre.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LIBERDADE: A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA.....</b>	<b>12</b>
2.1	A CONDIÇÃO PRIMORDIAL DA AÇÃO HUMANA: LIBERDADE E CONSCIÊNCIA.....	18
2.2	O SER EM-SI E SER PARA SI.....	23
<b>3</b>	<b>A ANGÚSTIA DA LIBERDADE E A MÁ-FÉ.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>LIBERDADE E RESPONSABILIDADE.....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Há tempo o ser humano se questiona sobre a liberdade, somos livres desde que nascemos, adquirimos essa liberdade de forma natural, exercemos essa liberdade de forma natural e involuntária ou essa liberdade depende de algo, depende de uma ação do ser humano? A liberdade nos é dada através de nossas escolhas ou ela simplesmente está ali apenas aguardando para ser concluída?

Neste trabalho de conclusão de curso, o problema a ser investigado é porque essa condição de liberdade é intransponível e se essa liberdade é adquirida através da ação e de uma escolha.

O objetivo do texto é analisar a liberdade como tema principal e como essa liberdade junto com a responsabilidade nos leva a angústia.

O ser humano em Sartre está condenado a ser livre, pois a liberdade é o ser humano, ele é a própria liberdade, é a partir dessa liberdade que ele se forma.

No início do estudo abordaremos o conceito de liberdade e de como a liberdade deixa o ser humano angustiado, pois como o ser humano é livre, ele pode ser um ser de angústia.

O ser humano não está obrigado a agir de nenhuma forma, já que ele está lançado no mundo e assim é responsável por toda e qualquer decisão de escolha.

O texto tem também o objetivo de caracterizar a liberdade e seus elementos na filosofia de Jean-Paul Sartre, a liberdade como nadificação a partir das escolhas se constitui em ser, adquirindo consciência de si e do mundo.

No primeiro capítulo, trataremos da definição de liberdade, ou seja, aquilo que é essencial para a liberdade e como essa condição de liberdade é algo que não se pode transpor, ela é algo que o ser humano não pode fugir.

No segundo capítulo, iremos analisar e caracterizar a angústia e a responsabilidade, conceituando a partir do texto, as consequências das escolhas, já que o ser humano é livre para escolher e não poderia ser diferente, pois suas escolhas e ações constituem a liberdade, mas trazem consigo responsabilidades e angústias.

Para Sartre, a liberdade é condição fundamental da ação e, dessa forma, o ser humano está condenado a ser livre. O ser humano é livre e sua ação é intencional, é intencional na medida que a consciência diante dos fatos existentes nega os objetos do mundo e de si mesmo, assim o ser humano é livre e sua ação é intencional.

Abordaremos, porque a escolha é angustiante e porque essa angústia o condena a ser livre e, também, porque o caráter da ação é intencional, pois a consciência ao se deparar com o ser humano, tem uma intenção e, assim, o ser humano é livre e a partir daí a angústia.

Sartre afirma que o ser humano não pode fugir e por isso está condenado a ser livre, e a partir dessa condenação, o ser humano se forma. A liberdade em Sartre está na ação da escolha, ou seja, o que o ser humano faz tem sempre o caráter intencional, ele escolhe porque está ciente de suas escolhas.

O ser humano é livre para agir, portanto, não existem princípios que estejam prontos para essa escolha, desta forma, sem esses princípios prontos, Sartre afirma que o ser humano é livre para agir. É competência do próprio ser humano constituir esses valores que o orientam para suas escolhas, diante da escolha, a angústia.

A pesquisa realizada foi através do texto *O Ser e o Nada*, do filósofo, Jean-Paul Sartre e de seu comentador, Paulo Perdigão, no texto *Existência & Liberdade*, e através de alguns artigos acerca do tema.

O objetivo geral do trabalho é contribuir para que esse tema tão relevante para o ser humano, tenha argumentos e entendimentos e para que não se esgotem os argumentos da liberdade do ser humano e suas perspectivas.

Por fim, o intuito do trabalho é abordar o conceito de liberdade e o agir humano, esse agir que não está ligado a uma condição de superação, pois ele não pode mudar o Ser, o ser humano está condenado a ser livre e desta forma é que ele consegue se constituir.

A metodologia utilizada foi a análise do livro *O Ser e o Nada*, especificamente dos capítulos que tratam sobre liberdade, angústia e responsabilidade.

Uma análise também do livro *Existência e liberdade* e artigos relacionados ao tema que abordam a fundamentação sobre liberdade e angústia e, por fim, a argumentação da teoria de Sartre sobre a condição de liberdade do ser humano, através da responsabilidade gerando angústia.

## 2 LIBERDADE: A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

O objetivo deste capítulo é esclarecer os principais pontos que estabelecem a liberdade em Jean-Paul Sartre, ou seja, aquilo que é essencial para a liberdade. A proposta deste capítulo é entender que para Sartre a liberdade é uma condição que não se pode transpor, porque a partir de suas escolhas, ele exerce sua condição de liberdade, porque não há outra escolha que não exercer sua liberdade.

O argumento de que a essência precede a existência implica na necessidade de um criador, ou seja, de que teríamos que ter uma finalidade para existir, um propósito definido, uma essência que nos definiria como uma forma e utilidade.

Em Sartre essa situação se inverte, a existência precede a essência, o ser humano é o próprio definidor de sua essência. Nós, seres humanos, existimos antes mesmo de nossa essência ser definida, essa essência humana pré-concebida, boa ou ruim, em Sartre é refutada.

Nossas escolhas apenas cabem a nós mesmos, e assim não existe um fato que justifique nossas ações, o responsável pelas ações do ser humano é o próprio ser humano, nas palavras de Sartre:

O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu “ser-livre”. Portanto, não se trata aqui de abordar de frente questão que só pode ser tratada exaustivamente à luz de rigorosa elucidação do ser humano; precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita em que condiciona a aparição deste. (SARTRE, 2015, p. 68).

A condição de liberdade em Sartre é algo em que o ser humano não pode fugir, ele está condenado justamente porque não pode fugir dessa condição de liberdade e por isso ele se forma, ele não está obrigado a agir de nenhuma forma no mundo, ele faz suas escolhas de forma intencional<sup>1</sup> e consciente, deste modo está condenado e angustiado, nas palavras de Sartre:

Mas a fuga da angústia não é apenas empenho de alheamento ante o devir: tenta, além disso, desarmar a ameaça do passado. Neste caso, tento escapar de minha própria transcendência, na medida em que sustenta e ultrapassa minha essência. Afirmo que sou minha essência à maneira do ser do Em-si. Ao mesmo tempo, todavia, recuso-me a considerar essa essência como

---

<sup>1</sup> Sartre elabora sua concepção a partir do **conceito de intencionalidade**, segundo o qual a consciência se constitui num movimento de direcionamento ao mundo. O resultado disso é uma filosofia que imerge, ontologicamente, o sujeito no mundo, negando pela via epistemológica as posições solipsistas. (Póvoas, Jorge Freire)

sendo historicamente constituída e como se compreendesse o ato, tal como o círculo implica suas propriedades. Capto essa essência ou tento captá-la como começo primordial de meu possível, e não admito que tenha em si mesma um começo; afirmo então que um ato é livre quando reflete exatamente minha essência. (SARTRE, 2015, p. 87).

De acordo com a filosofia de Jean-Paul Sartre, todo o conceito e concepção de liberdade, está no ser humano e em sua condição de não poder superar esse desejo de mudança, por isto está condenado a ser livre.

O ser humano faz suas escolhas conscientes e de forma intencional, ou seja, ele decide suas ações, suas escolhas e por isso é um ser de angústia. “[...] Somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade”. (SARTRE, 2015, p. 677).

A liberdade garante ao ser humano uma condenação de escolha, mas esta escolha está sujeita a limitações do próprio ser humano, porém, essas capacidades não fazem diminuir a liberdade humana, apenas determinam todas as possibilidades de escolha, somos condenados a ser livres pois somos obrigados a fazer escolhas. Palavras de Perdigão:

Se a liberdade é o fundamento do Para-Si, isso quer dizer que nenhuma razão motivadora pode determinar o seu Ser. O Para-Si, ao nascer, não é definido de antemão por uma essência pré-existente. Segundo o pensamento religioso, tal essência seria prefixada por Deus, que a produziria conforme um conceito prévio, assim como um artesão produz uma cadeira, que já surge no mundo provida de uma finalidade predeterminada. Nesse caso, não haveria liberdade possível, porque o homem estaria de uma vez para sempre e a *priori* dotado de um sentido, antes mesmo de viver a sua vida. (PERDIGÃO, 1995, p. 90).

O ser humano é livre, inteiramente responsável por essa liberdade e por tudo que está a sua volta. Nossa liberdade nos faz responsáveis por nosso passado, presente e futuro.

Por isso, Sartre afirma em seu livro *O Ser e o Nada* (2015): O homem está condenado a ser livre, pois somos os únicos responsáveis por nossos atos e escolhas, o ser humano tem consciência de si mesmo e por isso faz suas escolhas.

Em Sartre a consciência quando se depara com um ser, em-si ou para-si, como percepção ou imaginação, tem uma intenção. A intencionalidade da consciência diante dos objetos externos e de si mesma, ela, a consciência, é o nada que vem ao mundo pelo ser humano e faz da relação entre o ser-em-si e o ser-para-si, ser a parte comum entre eles.

Desta forma, estamos sempre agindo de forma intencional, ou seja, esse desejo de escolher é consciente e está dentro de cada um de nós, nossa ação de escolha é o ponto inicial para a liberdade.

Porém, mesmo com o poder consciente de escolha, não possuímos os princípios próprios para nos direcionar para esta escolha. O ser humano é livre para decidir suas ações e escolhas, porém, como não possuímos esses valores externos que nos auxiliam e amparam, somos nós mesmos que precisamos decidir e construir caminhos que nos levem e nos orientem a fazer nossas escolhas. Acerca disso, Sartre afirma:

Com efeito, convém observar, antes de tudo, que uma ação é por princípio intencional. O fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvora não agiu. Ao contrário, o operário que, encarregado de dinamitar uma pedreira, obedeceu às ordens dadas, agiu quando provocou a explosão prevista: sabia, com efeito, o que fazia, ou, se preferirmos, realizava intencionalmente um projeto consciente. (SARTRE, 2015, p. 536).

Para Sartre a todo momento fazemos escolhas, e essas escolhas, nos levam a um fim angustiante, pois todas nossas decisões nos levam a um caminho de liberdade.

Esses critérios de escolhas e decisões que fazemos a todo momento em nossas vidas, são os que nos levam a liberdade, e o fato de não fazermos uma escolha, já se trata de uma escolha. A liberdade em Sartre é absoluta e definitiva. “O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha” (SARTRE, 2015, p. 595). E somente assim, escolhendo nós teremos a liberdade, assim afirma Perdigão:

Não se trata de um privilégio eventual, de uma propriedade a conquistar. Nem se confunde com vontade, decisão consciente, deliberação racional. O problema consiste em definir precisamente as características dessa liberdade ontológica e nos desvencilharmos das interpretações equívocas a que se viu sujeita essa noção essencial do sistema filosófico de Sartre, todo colocado “em defesa da insuperável singularidade da aventura humana”. Pois, para ele, se toda natureza é regida pelo determinismo, ao homem, é só a este, cabe o reino da liberdade. (PERDIGÃO, 1995, p. 86).

Somos responsáveis também pelo destino das outras pessoas, pois quando escolhemos, interferimos de alguma maneira na vida de outros. Todas essas decisões nos angustiam ainda mais, pois sabemos que nossa liberdade e poder de decisão de escolha, afeta nosso Ser e a existência de outros.

Essa escolha na qual o filósofo se refere, traz consigo a responsabilidade, pois o Ser sempre terá que fazer uma opção, é preciso escolher para ter a condição de ser livre, não há alternativa, somos livres para escolher, porém, essa intencionalidade da escolha consciente, é fundamental para nos definir como seres livres e nos tornar o próprio Ser, Sartre afirma:

[...] o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra “responsabilidade” em seu sentido corriqueiro de consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto. (SARTRE, 2015, p. 677).

A liberdade, para Sartre, é condição absoluta do agir individual. O ser humano tem completa capacidade de decidir seus atos e não está condicionado ao agir humano.

Desta forma, suas escolhas é que fazem sentido para seus atos, para o filósofo, a liberdade do Ser não está ligada ao mero acaso e sim aos seus atos determinados e suas escolhas. O Ser é livre na medida que decide seu destino, suas vivências e seu futuro, ele é o senhor das suas decisões e atitudes, nas palavras de Perdigão:

A liberdade também não poderia ser pura abstração ou absoluta transcendência, porque a consciência – recordemos – não vive apartada do mundo, mas inserida nele, comprometida pelo corpo no mundo Em-Si (que se conserva como “fundo” do Para-Si), sujeita, pois, a necessidades concretas. (PERDIGÃO, 1995, p. 87).

Estabelecer uma condição de liberdade no sentido mais amplo e fundamental da palavra e, para além da palavra, não é uma tarefa fácil e nem tampouco simples. É preciso entender que essa condição de liberdade ou essa concepção de liberdade ao qual vamos analisar em todo trabalho, é pessoal e intransponível, não está condicionado a fatores externos, pois somos detentores de nossas escolhas e decisões, nas palavras do autor:

Se começássemos por conceber o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos até a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 2015, p. 545).

Esse árduo e contínuo trabalho é condição primordial, pois vivemos e respiramos escolhas o tempo todo, para alguns, a tarefa é difícil e inalcançável, para

outros, a tarefa se torna um devaneio, é necessário pensar e introduzir para dentro do Ser e, desta forma, conseguir exteriorizar e viver essa liberdade.

Para tanto, precisamos entender que o ser humano é livre e responsável por tudo que está a sua volta. Para Sartre, o conceito de liberdade é quase como, uma punição, por isso estamos condenados a ser livres. Nossas escolhas são direcionadas para aquilo que nos aparenta ser o bem, ou seja, um certo engajamento no que é o bem e assim temos a consciência de si mesmo.

Assim, se não conseguimos superar e decidir a liberdade, essa liberdade é falha e não nos será dada por nós mesmos, deste modo, estamos condenados a ser livres.

Escolhemos o tempo todo, estamos a todo momento agindo de forma intencional, ou seja, está dentro de nós a escolha e, quando decidimos por essa escolha, alcançamos a liberdade. Essa escolha é consciente e está dentro do nosso Ser, nas palavras de Sartre:

Ainda não é possível abordar o problema da liberdade em toda amplitude. Com efeito, os passos até aqui dados mostram bem claro que a liberdade não é uma faculdade da alma apta a ser encarada e descrita isoladamente. Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim, condição exigida para nadificação do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre outras coisas à essência do ser humano. Por outro lado, já sublinhamos que a relação entre existência e essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode ser diferente do ser da "realidade humana" (SARTRE, 2015, p. 68).

A liberdade, em Sartre, é inteiramente responsabilidade do próprio ser humano, assim, afirma Sartre em seu livro, *O Ser e o Nada* (2015), p. 678.

Na medida que sua liberdade não está determinada por algo exterior e, sim, por responsabilidade do próprio ser humano, todas as suas escolhas e decisões estão totalmente ligadas ao ser humano, nada em seu exterior determina ou pode afetar nossas escolhas e consequências.

O ser humano é livre e sua essência é livre, assim como é livre para fazer suas escolhas, ele não precisa de autorização ou outras decisões do agir humano.

A escolha do ser humano tem a função de determinar sua ação, e esta ação, não é apenas ao acaso ou mero acontecimento, é fruto de sua decisão sobre seus

atos e acontecimentos, suas vivências, e não colocando seu destino ao mero acaso, o autor afirma:

Mas, além disso, a situação é minha por ser a imagem de minha livre escolha de mim mesmo, e tudo quanto ela me apresenta é meu, nesse sentido de que me representa e me simboliza. Não serei eu quem determina o coeficiente de adversidade das coisas e até sua imprevisibilidade ao decidir por mim mesmo. Assim, não há acidentes em uma vida: Uma ocorrência comum que irrompe subitamente e me carrega não provém de fora; se sou mobilizado em uma guerra, esta guerra é minha guerra, é feita à minha imagem e eu mereço. Mereço-a, primeiro, porque sempre poderia livrar-me dela pelo suicídio ou pela deserção: esses possíveis últimos são os que devem estar sempre presentes a nós quando se trata de enfrentar uma situação. Por ter deixado de livrar-me dela, eu a escolhi; pode ser por fraqueza, por covardia frente a opinião pública. (SARTRE, 2015, p. 678).

Para Sartre, agimos sempre de forma intencional, temos a consciência da nossa escolha e poderemos saber a partir daí, que iniciaremos o processo de chegar à liberdade.

Voltar a liberdade do para-si e tentar compreender o que representa para o destino humano esta liberdade. A escolha do ser humano tem a função de determinar sua ação e a ação não é apenas ao acaso ou mero acontecimento, é fruto de seu poder de livremente decidir por seus atos e acontecimentos, não colocando seu destino ao mero acaso, Sartre afirma que:

Portanto, é insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. Por outro lado, tal responsabilidade absoluta não é resignação: é simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade. O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar. Além disso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano. (SARTRE, 2015, p. 678).

Para Sartre, a liberdade garante ao ser humano o poder de escolha, mas está sujeita as limitações do próprio ser humano. Porém, essas limitações possibilitam a liberdade, já que são elas, que provocam a escolha, da qual não podemos escapar, e assim, a angústia.

Cada um de nós, ser humano, precisa dar um sentido para nossa maneira de existir e, assim, fazer desse nada da realidade do ser humano ficar afastada de si e de sua consciência, para que assim, o ser humano, possa ter sua liberdade no mundo.

Essas afirmações, serão examinadas no próximo item, que também serão desenvolvidos e investigados como a condição de liberdade e consciência do ser humano, e como o agir intencional nos leva a liberdade.

## 2.1 A CONDIÇÃO PRIMORDIAL DA AÇÃO HUMANA: LIBERDADE E CONSCIÊNCIA

Para Sartre, a ação tem um caráter fundamental como princípio intencional, ou seja, a intenção dos nossos atos, é que nos impulsionam para a decisão do fim previsto, não se trata de mero acaso, o agir intencional é que nos impulsiona para o fim decisivo.

Porém nem todo nosso agir intencional é o que nos leva a uma consequência do ato, nossas ações nem sempre nos levam as consequências desejáveis, podemos agir, tomar uma ação como decisiva para o ato em si, se nessa ação tiver o princípio fundamental do próprio ato, nas palavras de Sartre:

Agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda serie e, para finalizar, produza um resultado previsto. (SARTRE, 2015, p. 536).

Segundo Sartre, a liberdade não é uma condição do ser humano e, sim, o próprio ser humano, ela não está ligada a uma especificação do ser humano, não é uma categoria condicionada no ser humano e nem uma qualidade do ser humano, ela é o ser humano livre. “[...] este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo descoberta no mundo” (SARTRE, 2015, p. 569).

O ser humano é livre, é o único responsável por seus atos e escolhas, nada pode justificar os acontecimentos, como uma ideia de destino, o ser humano é responsável por seu passado, presente e futuro. “Em caso algum e de nenhuma maneira o passado, por si mesmo, pode produzir um ato, ou seja, o posicionamento de um fim que sobre ele se volte para iluminá-lo”. (SARTRE, 2015, p. 539).

Desta forma, estamos condenados a ser livres, o fazer, o agir, nos condena em nossa própria liberdade, pois nessa árdua tentativa de ser quem somos, esse exercício de sermos livres e nos tornarmos livres, acaba por nos angustiar.

A responsabilidade de continuarmos como seres livres, essa condição que Sartre chama de o ser-para-si, é a consciência de algo ou de alguma coisa, é por isso que nos angustia, acerca disso, Sartre afirma:

Assim, a liberdade é um ser menor que pressupõe o ser para iludi-lo. Não é livre para não existir, nem para não ser livre. Vamos captar a seguir a conexão entre essas duas estruturas: com efeito, como a liberdade é um escapar ao ser, não poderia produzir-se junto ao ser, lateralmente, em um projeto de sobrevoo; não podemos escapar de um cárcere no qual não fomos enclausurados. Uma projeção de si à margem do ser não poderia, de forma alguma, constituir-se como nadificação desse ser. A liberdade é um escapar a um comprometimento no ser, é nadificação de um ser que ela é. Não significa que a realidade humana existe primeiro para ser livre depois. “Depois” e “primeiro” são termos criados pela própria liberdade. (SARTRE, 2015, p. 598).

Para o filósofo esse espírito negativo ao qual se referiu Hegel<sup>2</sup>, não seria atribuído a determinação de nossa liberdade, uma vez que nossa consciência não possui essa possibilidade, a nadificação que o filósofo se refere, está diretamente ligada ao fim do ser humano e, é o ser humano, capaz de decidir suas ações e a liberdade de seu próprio Ser, nas palavras de Sartre:

Significa que, desde a concepção do ato, a consciência pode se retirar do mundo pleno pelo do qual é consciência e abandonar o terreno do ser para abordar francamente o do não ser. Enquanto algo considerado exclusivamente em seu ser, a consciência é remetida perpetuamente do ser ao ser e não poderia encontrar no ser um motivo para descobrir o não ser. (SARTRE, 2015, p. 537).

Para Sartre, a consciência é um tipo diferente de ser, porque essa consciência possui conhecimento, a seu respeito e a respeito do mundo, dessa forma, essa consciência é o para-si.

É o para-si, que faz as relações temporais e funcionais, e a partir disto, cria um sentido para o mundo em que vive, nas palavras de Perdigão:

O Para-Si é fuga incessante em direção ao mundo e nada em si mesmo: ele constitui todos os objetos e valores do mundo e não é nem esses objetos nem esses valores. O mundo lhe surge como aquilo com relação ao qual o Para-Si é Nada. Se tudo está fora dele, pode-se dizer que a desaparecimento de todos os objetos acarretaria a desaparecimento da consciência. Sem mundo não haveria consciência. (PERDIGÃO, 1995, p. 46).

---

<sup>2</sup> Para Hegel, a liberdade está na política, no Estado, sociedade política consubstanciada como a síntese da dialética, visto que o Estado se configura como a melhor manifestação do Espírito absoluto, entidade essencialmente ontológica.

A liberdade que Sartre se refere, não é fruto de nenhum determinismo, ela é condição básica do Ser enquanto indivíduo, e sendo condição básica, ela é fundamental para este Ser adquirir a consciência de si.

O ser humano de Sartre é um nada no mundo, e a partir de suas escolhas ele se constitui um ser em si, a liberdade em Sartre é o ser humano, assim, em Sartre, ambos são a mesma coisa.

A liberdade não está condicionada apenas aos atos e ações voluntários, desta forma, a liberdade não está nada próxima da vontade, da razão, da própria ação, a liberdade é condição do próprio Ser.

A liberdade é condição do próprio ser humano, não é necessário usar a razão para toda e qualquer escolha, a partir do momento que ele decide sobre qualquer escolha, ele a toma a partir de um projeto original.

Para Sartre não existe nenhuma causa preexistente para qualquer escolha ou ação humana, “Com efeito, deve ter um fim, e o fim, por sua vez, refere-se a um motivo”. (SARTRE, 2015, p. 540).

Deste modo somos livres, mas cada um de nós é levado a dar algum tipo de sentido a nossa própria existência, porém, não somos determinados para tanto, a liberdade vem como uma condição da ação que tomamos e, assim, permite que a consciência distante do mundo, possa imaginar outra coisa diferente e além daquilo que realmente é. A liberdade é o nada, é a parte importante desta realidade humana, por isso, o ser humano é livre.

Desta forma, podemos afirmar que para Sartre a liberdade não precisa ser algo que a motive a acontecer, não precisa de nada que a impulsione ou a libere, ela é a própria causa, a própria escolha, a própria finalidade, a liberdade não possui determinismo, ela é um nada, ela é essência, ela é o próprio ser humano.

Para o filósofo, a liberdade eleva como condição original a ação, ou seja, a liberdade somente acontece como possibilidade de uma ação, Sartre afirma que o para-si é condição essencial para a liberdade, que perpetua em toda sua obra *O Ser e o Nada* (2015), a liberdade é ponto decisivo para a constituição do ser humano, assim afirma Perdigão:

A liberdade desponta já na origem do Para-Si. Ao escapar do ser recuando diante dele o Para-Si expressa essa liberdade. Porque não fosse livre, permaneceria encarcerado no ser. É a liberdade que lhe possibilita nadificar

o ser e temporalizar-se, fugindo do passado e lançando-se em projeto aos possíveis futuros. (PERDIGÃO, 1995, p. 86).

A liberdade em Sartre não é nada que esteja no interior humano, como se ali sempre estivesse, a liberdade é ação, é atitude concreta, ou seja, somente por atos e ações a liberdade se concretiza de fato.

Sartre não admite que a liberdade possa existir se não estiver acompanhada de ação e de escolhas, porém, a liberdade não está acompanhada de escolhas impossíveis e inimagináveis e, sim, escolhas que consigamos dar conta, desta forma, o para-si pode por ele mesmo ser inacabado.

Portanto, precisamos compreender que a liberdade não é produto de abstração e sim de necessidade concreta e verdadeira, porque a liberdade não está separada da consciência, mas juntamente com o em-si, nos lembrando que: “Toda liberdade é liberdade situada na realidade objetiva, situada no campo da facticidade”<sup>3</sup> (PERDIGÃO, 1995, p. 87).

A liberdade em Sartre, é sempre uma condição que não se pode transpor, o Ser não pode em nenhum momento fugir disto, o Ser está condenado a essa liberdade e, desta forma, por esta condenação, que o Ser acaba por se formar.

O ser humano, não está obrigado a agir deste ou daquele modo, ele tem a possibilidade da escolha, essa escolha se dá sempre de forma intencional e essa forma intencional nos é dada pelos desejos conscientes dessa escolha, desta forma, esses desejos conscientes não estão exatamente prontos, ou seja, não podem nos guiar em nossas escolhas.

Para Sartre, esses desejos conscientes que possam de alguma forma nos guiar e conduzir para a escolha, não estão prontos, o ser humano é livre para agir e deliberar, sobre todos os valores, cabe a ele, decidir sobre os valores e as ações que delimitam e conduzem toda e qualquer escolha.

Essa escolha para Sartre, evidencia a responsabilidade, pois ele faz a opção da escolha e essa escolha precisa ter um critério, gerando ainda mais a angústia do

---

<sup>3</sup> Descrevendo o Para-Si como essa mescla de transcendência e facticidade, Sartre chegou a seguinte definição: enquanto o Em-Si é o que é, o Para-Si não é o que é e é o que não é. Explicando: por causa da transcendência, o Para-Si não é o que é, pois se coloca à distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si também é o que não é, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser este Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me Nada de outro Ser. A minha maneira de “não ser eu mesmo inteiramente” é única e não pode ser outra. Daí a fórmula de Sartre: não somos o Ser que somos, mas igualmente somos este Ser que não somos. (Perdigão, 1995, p. 49 e 50)

ser humano, pois sempre é preciso escolher, não há outro caminho além da escolha. (DA Silva, Aline Maria Vilas Bôas).

É preciso decidir que critério usar, mesmo que esse critério não esteja exatamente claro, é preciso escolher para que o ser humano possa ser livre, para que exerça a sua condição de liberdade.

Para Sartre, o ser humano só é ser humano por sua condição de ser livre, ele faz suas escolhas e podendo o ser humano, sempre escolher todas as ações de sua existência, é assim que ele exerce a liberdade.

Em Sartre a liberdade é condição de sua existência, ela não é mera conquista, ela é propriedade de sua natureza, Sartre afirma que:

[...] a liberdade como liberdade que é a nossa como pura necessidade de fato, ou seja, como um existente que é contingente, mas que não posso experimentar. Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos: mas sou também um existente cuja existência individual e única se temporaliza como liberdade. Como tal, sou necessariamente consciência (de) liberdade, posto que nada existe na consciência a não ser como consciência não tética de existir. Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser; e, como meu ser está em questão em meu ser; devo necessariamente possuir certa compreensão da liberdade. (SARTE, 2015, p. 542-543).

Para Sartre, como o ser humano tem consciência, ele é livre para escolher e para que suas ações sejam sempre intencionais, desta forma, a responsabilidade sempre faz parte de sua vida e de toda sua existência, assim, o ser humano gera a partir de suas escolhas e das responsabilidades que essas escolhas trazem, trazendo consigo a angústia, pois sabe que todas essas responsabilidades, influenciam seu destino e o destino de todos que estão inseridos nele.

Na filosofia de Sartre “a condição primordial da ação é a liberdade” *O Ser e o Nada*, ou seja, ela acontece a partir de elementos anteriores, ela é a partir da ação do ser humano, a partir da escolha que o ser humano projeta na sua liberdade, e mesmo recusando-se a escolher, já está fazendo uma escolha, por isso estamos condenados a ser livres.

O caráter da ação para Sartre, sempre vai ser intencional, desta forma, o ser humano de Sartre é um nada, e a partir das suas escolhas, ele se constitui como indivíduo e enquanto ser humano, para a partir de então, adquirir a consciência de si, afirma Sartre:

Significa que, desde a concepção do ato, a consciência pode se retirar do mundo pleno do qual é consciência e abandonar o terreno do ser para abordar francamente o do não ser. Enquanto algo considerado exclusivamente em seu ser, a consciência é remetida perpetuamente do ser ao ser e não poderia encontrar no ser um motivo para descobrir o não ser. (SARTE, 2015, p. 537).

Desta forma, o ser humano sabe que a liberdade é o que lhe permite se nadificar, o nada se inicia a partir do momento que ele se pergunta sobre o nada do seu ser, como toda ação é sempre intencional, a consciência também se caracteriza de forma intencional, a consciência vai ser o nada, que está além dos fatos, assim o Ser age de forma intencional porque ele é livre. “Assim, a liberdade não é um ser; é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser”. (SARTRE, 2015, p. 545).

A ação para Sartre, sempre é intencional e consciente, o ser humano só pode agir se for de forma consciente e intencional, de outra forma ele não agiu, e não pode se definir, o ser humano de Sartre somente se define se ele escolher, se ele praticou uma ação de forma intencional, nas palavras de Sartre:

Com efeito, somente pelo fato de ter consciência dos motivos que solicitam minha ação, tais motivos já constituem objetos transcendentais para minha consciência, já estão lá fora; em vão buscaria recobrá-los: deles escapo por minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre Para além da minha essência, para-além dos móveis e motivos do meu ato: estou condenado a ser livre. (SARTE, 2015, p. 543).

Essa essência que o ser humano possui, não é nos dada a *priori*, ou seja, a existência precede a essência, então somos lançados no mundo porque ele é espontâneo e a partir daí ele acaba por se definir.

O ser humano não tem sua liberdade nele como algo já adquirida, ele tem sua liberdade apenas por ser quem ele é, a liberdade é sua existência e faz do ser o que ele é no mundo.

## 2.2 O SER EM-SI E SER PARA-SI

Para Sartre a liberdade do ser humano sempre está ligada a ação e escolha, o homem é livre porque escolhe, desta forma, o em-si é tudo que está além da consciência, e o para-si é a consciência humana, aquilo que não tem uma representação objetiva, o para-si, não tem uma essência definida, não é resultado de nenhuma ideia pré-existente, deste modo, é necessário estabelecer relações com o

em-si, que é tudo que está além da consciência, exceto a consciência, e essas relações com o para-si que é a consciência através da ação, busca a nadificação, e o ser humano busca o ato da consciência, ele busca preencher o nada.

A consciência é intencional, ela consiste em ser o nada, assim, ela lança o nada no ser, afirma o autor:

Em seu ser, o Para-si é fracasso, porque fundamenta a si mesmo apenas, enquanto nada. Para dizer a verdade, este fracasso é seu próprio ser; mas o Para-si não tem sentido, a menos que apreenda a si mesmo como fracasso em presença do ser que não conseguiu ser, isto é, do ser que seria fundamento de seu ser e não mais apenas fundamento de seu nada, ou seja, deste ser que seria seu próprio fundamento enquanto coincidência consigo mesmo. (SARTRE, 2015, p. 139).

O para-si de Sartre pode ser entendido como a partir da ação e esta ação é exatamente a linguagem da liberdade, a liberdade de Sartre não tem essência, por isso ela é nadificação, a liberdade não é uma característica do ser humano, ela não é determinismo.

A liberdade e o ser humano são o mesmo, não estão separados como se o ser humano fosse ser humano e fosse livre, apenas o ser humano é livre, por isso ele está condenado a ser livre, nas palavras de Perdigão:

Descrevendo o Para-Si como essa mescla de transcendência e facticidade, Sartre chegou à seguinte definição: enquanto o Em-Si é o que é, o Para-Si não é o que é e é o que não é. Explicando: Por causa da transcendência, o Para-Si não é o que é, pois se coloca à distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si também é o que não é, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser este Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me Nada de outro Ser. A minha maneira de “não ser eu mesmo inteiramente” é única e não pode ser outra. Daí a fórmula de Sartre: não somos o Ser que somos, mas igualmente somos este Ser que não somos. (PERDIGÃO, 1995, p. 49 e 50).

Sartre afirma que somente a partir do para-si, que tenta ser um em-si como um objetivo inicial, apenas a partir da sua ação e escolha, é que o ser humano dá sentido e conceitos para angústia e para responsabilidade, estes conceitos, estão associados a liberdade, nas palavras de Perdigão:

Assim, o homem, que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele faz em face de cada situação concreta. Em nenhum momento da vida de um homem se pode afirmar que ele é isso ou aquilo, de uma vez para sempre. Como o homem inventa perpetuamente o seu Ser, sem possuir “caráter” congênito ou uma “essência” imutável, sua

definição jamais se completa em vida, e se conserva sempre em aberto até a sua morte. (PERDIGÃO, 1995, p. 91).

A consciência é sempre intencional e está em uma parte do ser humano, assim, essa parte, sempre vai ser o estudo do ser humano, ou seja, a consciência sem o mundo, ela não existe, ela precisa do mundo para que ela seja entendida, e o mundo precisa da consciência para que esse mundo possa surgir. “O Ser é o que é, nada além disso”. (PERDIGÃO, 1995, p. 37).

Por isso, a intencionalidade e a consciência existem e são projetadas pelo mundo, afirma Perdigão:

Chegamos agora ao ponto principal: como entender a fissura interna (a distância a si) da consciência? Afinal, não há qualquer “separação” no espaço e no tempo entre a consciência e si mesma. Ou seja, a separação íntima que existe no miolo da consciência não é “distância física”. E a consciência também não sofre solução de continuidade temporal, ainda que o curso do pensamento se rompa a todo instante e mude de um estágio para outro. Então, resta uma hipótese: nada separa a consciência de si mesma, nada separa um estado de consciência do estado seguinte. Ser consciente de alguma coisa é colocar-se “à distância” da coisa de uma maneira especial: uma distância feita de nada. (PERDIGÃO, 1995, p. 39 e 40).

Desta forma, a consciência estuda o ser e o para-si, para Sartre, é um ser que se faz ao longo de toda sua existência, é esse sentido de existência no mundo que ele chama de liberdade, “O Ser é algo que está sempre velado”. (PERDIGÃO, 1995, p.35).

Para Sartre, a consciência é sempre consciência de alguma coisa, então o para-si é a consciência e o em-si é alguma coisa fora da consciência. Essa consciência que seria o Ser, está para fora do em-si, buscando sempre esse para-si.

Essa consciência estando separada do seu em-si, ela se separa por esse nada e, neste caso, o ser-em-si de Sartre é seguro e sólido, nas palavras de Sartre:

Com efeito, na medida em que a consciência está “investida” pelo ser, na medida em que simplesmente padece daquilo que é, deve ser englobada no ser: é a forma organizada proletário-achando-seu-sofrimento-natural que deve ser superada e negada para poder tornar-se objeto de uma contemplação reveladora. Significa evidentemente que é por puro desprendimento de si e do mundo que o proletário pode posicionar seu sofrimento como insuportável e, por conseguinte, fazer dele o móbil de sua ação revolucionária. Portanto, significa para a consciência a possibilidade permanente de efetuar uma ruptura com seu próprio passado, de desprender-se dele para poder considerá-lo à luz de um não ser e conferir-lhe a significação que tem a partir do projeto de um sentido que não tem. (SARTRE, 2015, p. 539).

A consciência que Sartre se refere, trata-se de algo vazio que a habita, é o nada, e nesse sentido, ela se despede de seu exterior como nada e a partir deste movimento ela introduz o nada no ser.

Para finalizar essa consciência do ser-para-si, a liberdade é razão de ser do para-si, por isso, o ser humano é condenado a ser livre e à sua responsabilidade.

O ser humano é livre, e essa capacidade do ser humano em ser livre o faz capaz de manifestar sua autoconsciência e assim o tornar livre, o ser humano é o que ele é e o que ele quer ser, ele exerce o direito de ser livre, de fazer suas escolhas e assim ele constrói sua existência.

### 3 A ANGÚSTIA DA LIBERDADE E A MÁ-FÉ

A partir dos temas e conceitos já abordados, podemos afirmar que: “Por sermos livres, somos angústia” (PERDIGÃO, 1995, p. 116), desta forma, a angústia nasce a partir da escolha, surge com a liberdade.

A angústia é algo que está diante do ser humano e não algo fora ou externo ao ser humano, ela está diante de algo que abrange a própria realidade humana, a angústia é o próprio reflexo do ser humano, ela sempre vai revelar a liberdade.

Para Sartre, a própria existência é angustiante, já que ela não precisa de conteúdo da consciência, ou seja, toda e qualquer decisão não precisa ser justificada, apenas a liberdade de podermos fazer nossas escolhas e, assim, com essa liberdade traz a angústia, nas palavras de Sartre:

Na liberdade, o ser humano é seu próprio passado (bem como seu próprio devir) sob a forma de nadificação. Se nossa análise está no rumo certo, deve haver para o ser humano, na medida que é consciente de ser, determinada maneira de situar-se frente a seu passado e seu futuro como sendo esse passado e esse futuro e, ao mesmo tempo, como não os sendo. Podemos dar uma resposta imediata: é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou seja, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. (SARTRE, 2015, p. 72).

O ser humano sempre é responsável por suas livres ações e por toda constituição do seu ser, por isto, não está livre da angústia, essas angústias se dão de duas formas, uma angústia temporal e outra ética.

A angústia temporal nos mostra que por sermos livres agora, não determina minha liberdade do passado ou do futuro, ou seja, o que escolhi no passado, não necessariamente está ligado ao que escolho hoje “Somos livres. Resta-nos descobrir o que devemos fazer com essa assombrosa liberdade”. (PERDIGÃO, 1995, p. 115), nas palavras de Perdigão:

A livre eleição que fazemos de nós está sempre ameaçada de metamorfose – e assim os possíveis que escolhemos correm risco permanente, já que não temos domínio sobre o futuro. (PERDIGÃO, 1995, p. 112).

Para Sartre, não se pode fugir da angústia, pois ela é o próprio ser humano, o nada e a liberdade, desta forma, se constituem o próprio ser humano, o pensamento existencialista define o ser humano como a própria angústia, ou seja, a angústia para

Sartre não significa uma apatia ou uma estagnação e, sim, a própria responsabilidade de seus atos.

A liberdade é angústia, o ser humano que escolhe seus atos e somente ele será capaz de fazê-los, a angústia é o resultado de uma ação livre do ser humano, é ele que livremente faz suas escolhas.

A angústia não é medo, visto que para Sartre a angústia é algo que está diante do ser humano e não algo externo, o medo é algo que está fora do ser humano. “Em primeiro lugar, há que se dar razão a Kierkegaard<sup>4</sup>: a angústia se distingue do medo porque medo é medo dos seres do mundo, e angústia é angústia diante de mim mesmo”. (SARTRE, 2015, p. 73).

A angústia e o medo podem ou não estar juntas, se estiverem juntas uma pode eliminar a outra, porém, a angústia é algo que o ser humano sente exteriormente diante do medo, a angústia está presente quando de alguma forma minhas reações diante do medo podem modificar minha realidade.

Para o filósofo, a liberdade quando é denunciada pela angústia revela uma realidade humana renovada, ou seja, ela e somente ela, aborda algo do Ser, eu como Ser decido minha liberdade, porém, como um Ser angustiado, minha manifestação de liberdade diante de si, está sempre separado por essência do nada “Mentimos a nós mesmos para acreditar que não somos livres ou responsáveis por nossos atos”. (PERDIGÃO, 1995, p. 116).

Sartre afirma em seu texto, que de alguma maneira o ser humano nega sua liberdade, o ser humano impulsionado por várias desculpas, entendidas como determinismo<sup>5</sup>, dentre elas, religião, ciência e tantas outras, realmente nega a liberdade, pensando poder estar livre da angústia.

Podemos até pensar que somos seres que já estamos prontos, acabados, que de alguma forma, nossa essência seria não mutável, ou seja, essa ideia de que possuímos uma alma, um destino já pré-estabelecido, nos invalida de tomarmos

---

<sup>4</sup> Sob o pseudônimo Haufniensis, afirma que pensar o bem como exclusão do mal é pensá-lo abstratamente, tanto o bem quanto o mal (a liberdade e a não liberdade) são inerentes ao existir, constituindo-se em uma tensão que jamais se fecha, pois na liberdade sabe-se que "tudo é possível". A liberdade, então, não se deixa iludir, pois conhece seu limite, que é justamente a não liberdade, e espera o julgamento da angústia, pois a "angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma" (Kierkegaard, 2010, p. 53).

<sup>5</sup> Para o filósofo francês contemporâneo e existencialista Jean-Paul Sartre, defensor da liberdade incondicional como elemento primordial do ser humano, não pode haver qualquer tipo de determinismo, pois, do contrário, não haveria liberdade, e a única certeza do ser humano é a liberdade.

algum tipo de atitude, nada podemos fazer, já que viemos com um passado, presente e futuro determinado.

Deste modo, alguns apenas representam o que acham que vieram no mundo para fazer, ou, o que o outro acha que ele deveria fazer, e assim, deixamos para que talvez os outros possam fazer nossas escolhas, nas palavras de Perdigão:

Sendo a consciência uma unidade, e não uma soma de compartimentos estanques, há o problema de saber como eu posso ser, de um mesmo golpe, o enganador e o enganado. Se tudo o que se passa na consciência só pode ser explicado na própria consciência, acontece então que eu sou consciente de me enganar e, também consciente de ser enganado. Como enganador, devo saber que estou me enganando. Como enganado, devo crer naquilo que inventei, ocultando a verdade de mim mesmo. Mas como posso crer que sou herói se me reconheço como covarde? Como posso me julgar condicionado e petrificado se sei que sou livre? Isso se explica pelo fenômeno da Má-Fé. (PERDIGÃO, 1995, p. 119).

Desta forma, lembremos que para tal o ser humano apenas está escolhendo o que quer ser e o que quer fazer, tudo que somos e que achamos que é pré-determinado, apenas é fruto de nossa escolha, cada momento futuro, é apenas uma escolha que fizemos ontem e hoje, Perdigão afirma que:

Mas o sonho de viver como objeto já totalmente constituído é uma farsa que conduz ao malogro, pois o homem é um Ser inacabado, um projeto, uma perpétua totalização em andamento, jamais uma “adesão total de si a si” (PERDIGÃO, 1995, p. 117).

Para Sartre, o ser humano dá desculpas para essa ou aquela ação, usa suas decisões como algo imputado pela sociedade, por valores, por determinismo, esquecendo-se de que tudo que vivemos é apenas fruto de nossas escolhas e de nossa liberdade.

Usamos muitas vezes tudo que nos acontece e em nossa volta como desculpa, apenas queremos nos conformar que essa ou aquela decisão foi obra do destino “Não queremos ver que, se somos covardes, somos responsáveis pelo ato que nos fez covardes, porque o covarde se faz covarde, assim como herói se faz herói”. (PERDIGÃO, 1995, p. 117).

A consciência humana é sinalizada muito fortemente pela angústia, ou seja, o fato do ser humano ser o nada do ser, o lança no mundo e apenas a liberdade o ampara.

Essa angústia surge frente a liberdade, pois é na angústia que o ser humano tem consciência de sua liberdade, ele como ser angustiado, consegue entender e colocar a si mesmo como consciência de ser.

A liberdade é revelada pela angústia e é através dela que o Ser sempre se renova, para o filósofo, a realidade humana se renova através da angústia “Nada - exceto a voz da minha consciência. A liberdade que sou é o único fundamento a que posso me apegar”. (PERDIGÃO, 1995, p. 113) e, ainda, nas palavras de Sartre:

Vou emergindo sozinho, e, na angústia frente ao projeto único e inicial que constitui meu ser, todas as barreiras, todos os parapeitos desabam, nadificados pela consciência de minha liberdade: não tenho nem posso ter qualquer valor a recorrer contra o fato de que sou eu quem mantém os valores no ser; nada pode me proteger de mim mesmo; separado do mundo e de minha essência por esse nada que sou, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido, sozinho, injustificável e sem desculpas. (SARTRE, 2015, p. 84).

Para o Filósofo, nossas decisões não precisam de nenhuma justificativa para que ocorram, e nem precisam ser sustentadas por nada que as fundamente, ou seja, nossas decisões apenas são feitas mediante situações do presente e do futuro, e assim, nossa liberdade faz surgir essa angústia.

Deste modo o ser humano é o único responsável por sua liberdade e suas ações de liberdade, o fazendo responsável pela total constituição do seu Ser. Para Sartre, o valor é a liberdade do ser humano, para ele, somente a liberdade é que fundamenta os valores, nada preciso fazer para que ela ocorra, ou seja, a liberdade é angústia.

A liberdade não precisa de fundamento e valores, o ser humano está sozinho em suas escolhas e isso nada tem a ver com valores, o ser humano tem a consciência de liberdade e está sozinho e angustiado.

O ser humano pode ele mesmo criar seus valores, pois está separado do mundo e de sua essência, então ele decide sozinho. Acerca disso Sartre afirma:

O valor só pode se revelar a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhecê-lo como tal. Daí que minha liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela escala de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem, sou injustificável. E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento de valores. Além disso, porque os valores, por deixar de ser “postos em questão”, já que a possibilidade de inverter a escala de valores aparece, completamente, como minha possibilidade. A angústia ante os valores e o reconhecimento de sua liberdade. (SARTRE, 2015, p. 82 e 83).

O ser humano em Sartre encobre de alguma maneira a verdade, a consciência já ciente desta desculpa assume esta liberdade, e esta angústia não consegue anular, pois sabe que o ser humano é a própria angústia, nada é liberdade. “A angústia, portanto, é a capacitação reflexiva da liberdade por ela mesma”. (SARTRE, 2015, p. 84), nas palavras de Sartre:

Eis, portanto, o conjunto de processos pelos quais tentamos mascarar a angústia: captamos nosso possível evitando considerar os outros possíveis, que convertemos em possíveis de um outro indiferenciado; não queremos ver esse possível sustentado no ser por uma pura liberdade nadificadora, mas tentamos apreendê-lo como engendrado por um objeto já constituído, que não é senão o nosso Eu, encarado descrito como se fosse a pessoa de um outro. Queremos conservar da intuição primeira aquilo que ela nos entrega como nossa independência e responsabilidade, mas procurando deixar à sombra tudo que há nela da nadificação original: sempre prontos, ademais, para nos refugiar-nos na crença do determinismo, caso tal liberdade nos pese ou necessitemos de uma desculpa. Assim, escapamos da angústia tentando captar-nos de fora, como um outro ou como uma coisa. Aquilo que se costuma chamar de revelação do senso íntimo ou intuição primeira de nossa liberdade nada tem de original: é um processo já constituído, expressamente destinado a mascarar a angústia, verdadeiro “dado imediato” de nossa liberdade. (SARTRE, 2015, p. 88).

Estamos nós, seres humanos, a todo e qualquer momento tentando arrumar desculpas para toda escolha ou não escolha, estamos tão acostumados a achar que somos uma “[...] essência imutável”. (PERDIGÃO, 1995, p. 117), que acabamos por culpar o meio em que vivemos, o outro, os valores impostos a nós, e achamos que o certo é aquilo que apenas reflete uma estrutura social.

Quase sempre aceitamos o que os outros nos imprimem como modo de viver, precisamos entender que o passado, não precisa estar no presente, e se estiver, foi porque nós decidimos assim.

Podemos decidir e mudar, e entender que todas essas mudanças e decisões são a nossa liberdade, usamos desculpas para tudo que achamos que já está definido e que não conseguimos mudar, podemos mudar, e precisamos entender que toda e qualquer escolha, são de nossa responsabilidade, acerca disso, escreve Perdigão:

O garçom de bar que age com “atitudes de garçom”, o executivo que se comporta como “executivo”, o professor que adota uma postura professoral, todos agem como se exercer seu ofício fosse sua própria “essência imutável”, como se pudesse “ser garçom” ou “ser professor” do mesmo modo como uma raiz é uma raiz, uma couve-flor é uma couve-flor, sem direito a escolha. (PERDIGÃO, 1995, p. 116 e 117).

Sartre afirma que não podemos fugir, se usamos a fuga como desculpa para não nos angustiar e ficamos angustiados com a fuga, ela não pode ser evitada. “Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia”. (SARTRE, 2015, p. 89).

Posso me nadificar e ser angústia, sei que dela não posso fugir, não posso não sê-la, pois sou a própria angústia.

Essa conduta de fuga que Sartre afirma em seu texto, consiste na má-fé<sup>6</sup>, já que o ser humano não consegue dissimular essa consciência, esse nada, essa liberdade e angústia, essa consciência não consegue justificar suas ações e suas escolhas, não consegue atribuir a nenhum outro ser humano o ato de suas escolhas, nas palavras de Sartre:

Não se trata, pois, de expulsar a angústia da consciência ou constitui-la em fenômeno psíquico inconsciente; simplesmente, posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime. (SARTRE, 2015, p. 89).

Acerca disto, Sartre conceitua a angústia como uma condição existencial, como uma condição de afastar a consciência, e afastando a consciência, constitui-se o nada, como a liberdade e como a angústia.

O ser humano está atirado no mundo em busca da construção do seu próprio ser, estando condenado a escolher.

Para ser liberdade, o ser humano precisa existir e essa existência leva a angústia, “[...] a negação só compromete diretamente a liberdade”. (SARTRE, 2015, p. 91).

E nessa negação da liberdade, nessa fuga angustiante, mentimos a nós mesmos, somos livres e fazemos escolhas, acreditamos nessas mentiras contada a nós, sou consciente das minhas mentiras contadas a mim mesmo, “[...] na má-fé, somos-angústia-para-dela-fugir”. (SARTRE, 2015, p. 91).

A partir disto a má-fé está presente, sei conscientemente que estou me enganando, mas decido ser isso e pronto, minha consciência está determinada a me convencer, do que sou e do que não sou, nas palavras de Perdigão:

---

<sup>6</sup> A má fé para Sartre é negar o que é inseparável do ser humano, ou seja, sua liberdade. É justificar suas ações através do determinismo e tirar de si a responsabilidade de sua existência, atribuindo o que lhe acontece ao destino e que esta já estava pré-determinado. (Da Silva, Aline Maria Vilas Bôas)

É evidente que, para enganar a mim mesmo, tenho de ser e não ser eu mesmo – e assim as atitudes de Má-Fé revelam a fissura interna do Para-Si que somos. Para achar que sou corajoso, mesmo não o sendo, é necessário que, em um sentido, eu não seja covarde – e também que o seja (senão estaria de boa-fé). Porque se eu fosse um “covarde” do mesmo modo como um tinteiro é um tinteiro, se eu estivesse atrelado ao meu “Ser covarde”, sem qualquer possibilidade de não o ser, se eu fosse, em suma, um Ser-Em-Si, não seria capaz de Má-Fé. (PERDIGÃO, 1995, p. 119).

Sartre não apenas justifica a angústia como fruto da consciência de sua responsabilidade, ele afirma que a má-fé é apenas a recusa do ser humano do agir em liberdade.

A má-fé se defende da angústia criada na consciência da liberdade, ela nos afasta do nosso caminho e atribui nossas escolhas à fatores externos, como o destino.

A má-fé em Sartre é a mentira para si próprio, o ser humano precisa abandonar a má-fé e ser responsável por suas escolhas, mas no momento que faz isso, ele é um ser humano de angústia, pois não se engana mais e retorna a ser um ser humano de liberdade.

## 4 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

No capítulo anterior, observamos que a má-fé ao se defender da angústia, nos afasta das escolhas e nos faz mentir a nós mesmos, desta forma, o ser humano para ter liberdade, precisa ser responsável por suas escolhas, e mesmo que seja um ser humano de angústia, é a única forma para chegar à liberdade.

Para a filosofia de Sartre, a responsabilidade tem importância relevante para o existencialismo, cada escolha que o ser humano faz, faz de si responsável por seus próprios atos, e assim, responsável também por suas consequências.

Somente o ser humano é responsável pelas consequências de suas decisões, e essas escolhas provocam mudanças, as quais não poderão ser desfeitas, ela faz do mundo o modelo de seu projeto pessoal.

Do mesmo modo, ele é responsável por si e por todos a sua volta, a responsabilidade é a causa da angústia que passa por sua consciência, mostrando ao ser humano que suas escolhas afetam a si e ao mundo, portanto, a angústia é a própria consciência da liberdade e da responsabilidade.

Para Sartre a escolha já é uma ação, nós somos nossa própria liberdade, o ser humano já é o que é, porque é sua própria escolha.

É a responsabilidade da escolha inventada ou não, por condições morais e existenciais, que faz da responsabilidade o compromisso do ser humano, acerca disso Sartre afirma que:

Mas, além disso, a situação é minha por ser a imagem de minha livre escolha de mim mesmo, e tudo quanto ela me apresenta é meu, nesse sentido de que me representa e me simboliza. Não serei eu quem determina o coeficiente de adversidade das coisas e até sua imprevisibilidade ao decidir por mim mesmo? Assim, não há acidentes em uma vida; uma ocorrência comum que irrompe subitamente e me carrega não provém de fora; se sou mobilizado em uma guerra, esta guerra é minha guerra, é feita à minha imagem e eu a mereço. (SARTRE, 2015, p. 678).

O ser humano tem a angústia pela responsabilidade, somos livres, mas somos angústia, não somos pré-determinados a esta liberdade, precisamos fazer escolhas, precisamos escolher o tempo todo, para dar sentido a nossa existência.

Somos seres humanos guiados pela moral e pelos costumes de uma sociedade, e podemos até recusar esse valor moral, mas ainda assim, acabamos por fazer da intencionalidade a manutenção dessa moral, “[...] por que prefiro certos

valores ao valor da própria recusa de entrar na guerra (a estima de meus parentes, a honra da minha família, etc)". (SARTRE, 2015, p. 679).

Para o filósofo, precisamos fazer uma ação e essa ação, é a liberdade, essa liberdade faz a consciência se afastar do mundo, e então, a consciência afastada do mundo está além do que realmente ela é.

O ser humano é livre, e essa liberdade, esse nada, faz com que o ser humano faça suas ações e não seja suas ações, o ser humano é livre, ele escolheu essa liberdade, porém, ele se encontra em situações no mundo em que não necessariamente são ações de suas escolhas, nas palavras do autor:

As mais atrozes situações da guerra, as piores torturas, não criam um estado de coisas inumano; não há situação inumana; é somente pelo medo, pela fuga e pelo recurso a condutas mágicas que irei determinar o inumano; mas esta decisão é humana e tenho de assumir total responsabilidade por ela. (SARTRE, 2015, p. 678).

Para Sartre, a responsabilidade de escolha está ligada a algum tipo de projeto ético, porém esse projeto ético, não diz respeito a moral e algum tipo de compromisso ético.

Por sermos liberdade a escolha já é uma ação "[...] cada pessoa é uma escolha absoluta de si a partir de um mundo de conhecimentos e técnicas que tal escolha assume e ilumina". (SARTRE, 2015, p. 679).

O ser humano já é sua própria escolha, pois nossa existência está ligada a uma condição moral que nós mesmo inventamos, dessa forma, ao longo das ações vou me fazer livre.

Minhas ações vão eleger meus valores, pois a partir deste caminho, é que vou ter esse elo entre liberdade e todos os aspectos da existência humana, escolho por mim e pelo outro.

A liberdade só é liberdade porque se mistura com a responsabilidade, sou livre, então preciso me responsabilizar, diante de minha decisão de liberdade, isto indica em libertar-me de toda moral impressa em mim, no outro e no mundo, pois a responsabilidade exige de mim a prática das relações, com o outro ser humano e com o mundo, nas palavras do autor:

Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água, mas, ao contrário, no sentido em que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente

responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades; fazer-me passivo no mundo, recusar a agir sobre as coisas e sobre os outros, é também escolher-me, e o suicídio constitui um modo entre outros de ser-no-mundo. (SARTRE, 2015, p. 680).

Tentar de alguma forma fazer que a não escolha de meu nascimento não seja de minha responsabilidade, não fará de mim ser humano, ter minha vida em minhas mãos e não ter responsabilidade, já que minhas ações são de minha escolha e decidem a minha liberdade, faz de mim ser totalmente responsável pelo que vivo e faço.

Não posso simplesmente assumir que eu não escolhi nascer, então não sou responsável por nada que me aconteça, preciso fazer desse nascimento minhas escolhas, elas me condenam a ser inteiramente responsável por minhas escolhas e decisões “[...] com relação ao fato de que realizo uma presença no mundo, nada mais são, precisamente, do que maneiras de assumir com plena responsabilidade este nascimento e fazê-lo meu”. (SARTRE, 2015, p. 681).

Para Sartre, essa decisão de liberdade é a fundamentação para nossa tomada de decisão, nossas escolhas e nossas angústias vem através dessa decisão de liberdade, ou seja, nossa consciência está sempre entre a liberdade e nosso poder de escolha, e a liberdade ou não liberdade, como condição pré-estabelecida.

Nossa responsabilidade como poder de escolha, de alguma forma se mistura ao nosso comportamento ético, de como escolher, uma vez que já estamos fazendo uma ação.

Como seres humanos já somos liberdade, já somos nossa escolha e nos tornamos livres, essa liberdade decidida por nós mesmos, já está em nós através de todos os valores morais que nós usamos e inventamos.

A partir dessas escolhas e desses valores já existentes em nós e, que são tão difíceis de serem suprimidos, tomamos nossas ações e assim somos responsáveis por tudo que possa acontecer em nossa liberdade, de escolha ou em situações ocorridas no mundo “[...] o próprio da realidade-humana é ser sem desculpa”. (SARTRE, 2015, p. 679).

Todos esses valores morais e essa ideia de deus, faz com que o ser humano, decida por suas escolhas e sua liberdade, essa ideia de fim, nos torna capazes de agir por conta própria, nos tornando a própria liberdade.

Desta forma, exerço minha liberdade com total responsabilidade frente ao outro, pois esta relação com o outro influencia meu projeto de ser livre, é minha responsabilidade diante de toda decisão que faço, da história que vou contar depende de mim e de outro ser humano, afirma o autor:

É assim, precisamente, que o Para-si se apreende na angústia, ou seja, como um ser que não é fundamento de seu ser, nem do ser do outro, nem dos Emsis que formam o mundo, mas que é coagido a determinar o sentido do ser, nele e por toda parte fora dele. Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. (SARTRE, 2015, p. 681).

A responsabilidade da escolha para Sartre já é uma ação, o ser humano é livre porque ele fez suas escolhas e se fez livre, à medida que o ser humano faz suas ações ele exerce o processo de liberdade.

A escolha que faço para mim, faço para o outro e, desta forma, o ser humano para fazer-se ser humano precisa ser livre perante si e o outro.

A liberdade do ser humano só é alcançada com a exigência da responsabilidade, sou livre porque exijo da responsabilidade as decisões de minhas ações, com o próprio ser humano e com o mundo que o cerca.

Para o ser humano, a responsabilidade é a reunião das consequências das nossas escolhas, tudo que me aconteceu, aconteceu por minha ação e minha decisão.

Eu sou esse ser humano que aceito e sei que o que acontece a mim e ao outro, nos pertence, é minha escolha, nada é ao acaso, é meu e eu mereço. Poderia até como decisão de escolha mudar algo, mas se por minha decisão eu a escolhi ou não, eu decidi.

Para o ser humano, suas escolhas são escolhas de si, e como tal, ele é inteiramente responsável pelas escolhas e as consequências me fizeram livre, sou responsável por tudo que me cerca, exceto por minha responsabilidade, ou seja, mesmo diante da responsabilidade que carrego, sei que não posso me livrar desta responsabilidade. “[...] “cada qual tem a guerra que merece”. Assim, totalmente livre, indiscernível do período cujo sentido escolhi ser, tão profundamente responsável pela guerra como eu mesmo a houvesse declarado” (SARTRE, 2015, p. 680).

Como Sartre afirma na citação acima, sou responsável até mesmo pela decisão de não querer ser responsável, essa responsabilidade em Sartre é a causa da angústia da consciência, é ela que nos faz seres angustiados, seres que sabem que

através da consciência do ser humano vamos fazer nossas escolhas e, a partir das escolhas surge a angústia e esta, vem da própria consciência da liberdade e da responsabilidade, afetando toda e qualquer decisão do próprio mundo.

## 4 CONCLUSÃO

Durante o estudo desse trabalho, concluiu-se que, o conceito de liberdade como condição intransponível para o ser humano é limitado, pois a liberdade nos confere a escolha, porém, essa escolha tem limitações do ser humano, mas de certo modo, essa limitação não diminui a liberdade do ser humano.

Conforme explanado ao longo do trabalho, o ser humano a tempos se questiona acerca da liberdade, somos livres, mas estamos condenados a essa liberdade, somos livres desde que nascemos, mas precisamos a todo momento fazer escolhas, nesse sentido, o ser humano como Ser de escolhas, escolhe sua liberdade e através de suas ações e com essa responsabilidade, se torna um Ser de angústia.

Para o ser humano ser livre a ação é intencional, nada nos é dado por determinismo, a liberdade é adquirida de modo intencional, ou seja, o ser humano entra sempre em contato com sua liberdade, sua responsabilidade e angústia.

A liberdade se constitui como razão na consciência humana, dessa forma, o ser humano não pode deixar de ser livre, ele é condenado a essa liberdade, e é condenado a essa responsabilidade.

Através da nadificação da consciência o ser humano se torna livre e essa consciência do ser é sua liberdade, a liberdade é o próprio ser humano, é ele que constrói sua essência e seu próprio existir, ele como responsável por sua liberdade de escolha, transforma essa liberdade em condenação.

A angústia está na escolha de suas decisões, não é possível ao ser humano fugir de suas responsabilidades, ele não pode fugir de suas escolhas, ele é completamente responsável por sua existência.

Para Sartre o ser humano é sua própria escolha, por isso o ser humano é liberdade, ele é consciência, e por isso sua condição de liberdade é intransponível, a única coisa que o ser humano não pode optar é sobre sua condição de liberdade, pois apenas por existir e por isso ele está condenado a ser livre.

Sua angústia existe por ter que fazer escolhas e mesmo quando não faz essas escolhas ele ainda assim escolhe, e com isso surge a responsabilidade e a responsabilidade diante de uma escolha o torna um Ser de angústia e o condena a liberdade.

O ser humano em Sartre é responsável pela escolha e toda liberdade de escolha é escolha de alguma coisa, dessa forma, quando o ser humano é um Ser que

é livre, ele interroga o ser humano no mundo e a partir daí faz o nada que existe, surgir em seu próprio ser humano e esse entendimento é a angústia.

Esse ser humano de Sartre que é livre, interroga o Ser no mundo e faz surgir o nada no mundo e a partir daí como um nada que ele é se torna um Ser de angústia, que é a angústia como consciência de liberdade.

Por fim, para Sartre o ser humano, mesmo que seja um ser de liberdade, essa liberdade é limitada, mesmo que façamos escolhas ou não, essas escolhas vão nos trazer angústias, pois mesmo a liberdade estando sujeita a limitações não nos impede de ter liberdade.

O ser humano é livre e responsável por si e pelo mundo a sua volta, por isto estamos condenados a ser livres.

## REFERÊNCIAS:

DA SILVA, Aline Maria Vilas Bôas. **A Concepção De Liberdade Em Sartre**. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 21/03/2022.

GOIS, Cléa. **Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano**. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3067/2033>. Acesso em: 17/03/2021.

MORAIS, Wilson Mário de. **A importância da escolha: Liberdade e responsabilidade em Sartre**. Theoria – Revista eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19842244-A-importancia-da-escolha-liberdade-e-responsabilidade-em-sartre.html>. Acesso em: 11/01/2022.

PERDIGÃO, PAULO. **Existência & Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM.1995.

PÓVOAS, Jorge Freire. **A Má-Fé Analítica Existencial Sartriana**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11481/1/Dissertacao%20Jorge%20Povoasseg.pdf>. Acesso em: 25/02/2022.

RENAUD, Vinícius. **O conceito de “liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser**. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6297/6026>. Acesso em: 08/10/2021.

SANTANA, Marcos Ribeiro de. **A consciência de angústia: uma abordagem sobre a condição existencial em Sartre**. Revista Urutagua – revista acadêmica multidisciplinar. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br/008/08fil\\_santana.pdf](http://www.urutagua.uem.br/008/08fil_santana.pdf). Acesso em: 22/07/2021.

SARTRE, JEAN-PAUL. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

YAZBEK, André Constantino. **A ressonância ética da negação em Sartre (considerações sobre liberdade, angústia e valores em L'être et le néant)**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/163432/157302>. Acesso em: 03/03/2022.